



AGRICULTURA

Agência Carta Maior - On-line - 25/02/05

Transgênico ameaça expansão da lavoura orgânica no país

Expositores brasileiros e membros do governo federal têm participação de destaque na maior feira mundial sobre produtos orgânicos, a **BioFach** 2005, que começou quinta (24), na Alemanha. Mas risco de que essas lavouras sejam contaminadas por sementes transgênicas preocupa técnicos da área.

Patrícia Bonilha 24/02/2005

Brasília – A **BioFach** é considerada o termômetro do setor de produtos orgânicos em todo o mundo. Mais de dois mil expositores de setenta países participam este ano da maior edição do evento, que tem o Brasil como seu país tema. Em um mercado bastante dominado pela Europa e Estados Unidos, a participação brasileira é mais expressiva que nunca. Além da presença de mais de 100 expositores, de membros de cooperativas e de ONGs da área, três ministérios (Desenvolvimento Agrário, Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) apóiam e enviaram representantes. O ministro Roberto Rodrigues compõe a mesa de abertura do evento, que começa nesta quinta (24) e vai até domingo (27), em Nuremberg, na Alemanha.

O leque de produtos expostos na feira é bastante diverso. Dos tradicionais produtos de exportação, café, suco de laranja, açúcar e soja, a variedade se estende a produtos como a cachaça, o frango “caipira”, essências florestais, como o eucalipto, urucum, óleo de babaçu, palmito, mel, cerveja, frutas desidratadas e in natura consideradas exóticas pelos estrangeiros, como maracujá, manga e abacaxi. Algumas frutas são desconhecidas até mesmo da maioria dos brasileiros, como o camucamu (fruto natural da Amazônia). Cosméticos e tecidos feitos a partir de produtos orgânicos também estão entre os produtos brasileiros expostos na feira. A expectativa é de que cerca de 30 mil visitantes do mundo todo visitem a **BioFach** nos próximos quatro dias.

Em busca de reconhecimento

O interesse que mobilizou os produtores de pequeno e médio porte (93% dos participantes brasileiros) na maior feira de produtos orgânicos do mundo tem alvo certo: o crescimento mundial do setor, avaliado atualmente entre 10% e 20% ao ano. Outra meta é uma maior visibilidade do próprio crescimento nacional, estimado entre 30% e 50% ao ano, mais que o dobro da média mundial, de acordo com relatório da organização alemã Söel. Ainda segundo dados da Söel, em 2001, o Brasil tinha 12.590 produtores orgânicos certificados em um total de 803.180 hectares.

Esse expressivo aumento de volume da comercialização de produtos orgânicos no país, no entanto, representa muito pouco ainda em termos da produção nacional de alimentos: cerca de 2%, segundo recente entrevista do próprio ministro Rodrigues. E mesmo considerando que cerca

de 75% da produção nacional de orgânicos é exportada, principalmente para Europa, Estados Unidos e Japão, ela ocupa uma fatia muito pequena no mercado mundial. Dos 26,5 bilhões de dólares movimentados

pelo setor anualmente em todo o mundo, o Brasil movimenta 100 milhões de dólares, ou seja 0,37% do total.

O grande potencial de expansão do mercado, tanto no exterior como aqui no Brasil, pode ser apontado como o terceiro motivo dos produtores brasileiros estarem investindo na produção orgânica. Segundo Thomas Timm, vice-presidente da **Câmara Brasil-Alemanha**, considerando que o Brasil possui 87% das novas áreas agriculturáveis mundiais, o país ainda será o líder mundial de orgânicos.

Outra perspectiva

Essa previsão parece não estar tão distante, se considerado o critério adotado pelo Ministério da Agricultura para medir a produção de orgânicos no Brasil. De acordo com o relatório não oficial que será apresentado na **BioFach** por esse ministério, o país salta da atual posição de quinto maior produtor mundial – atrás da Austrália, Argentina, Itália e Estados Unidos – para a segunda posição.

O número atualizado de 12.801 produtores não muda tanto em comparação com o relatório da alemã Söel. No entanto, o relatório do ministério passa a considerar uma área de aproximadamente 5 milhões e 700 mil hectares de vegetação nativa na área amazônica. O agroextrativismo de produtos dessa região, como a castanha-do-pará e o guaraná, entre outros, somado à produção arada totaliza 6.587.637 hectares de terras que produzem orgânicos, colocando o Brasil na vice-liderança do mercado de produção de orgânicos no mundo. Esse critério também é adotado pela Austrália e Argentina no que refere às suas áreas de pastagem naturais.

Para além do econômico, as causas apontadas para o crescimento do consumo de alimentos orgânicos estão relacionadas a novos valores dos consumidores. Principalmente na Europa, a sociedade tem pressionado por um processo de produção mais ético. “É crescente o número de consumidores preocupados com as relações de causa e efeito dos produtos que consomem. Portanto se ele sabe que um determinado biscoito está relacionado à exploração infantil, por exemplo, ele vai comprar o biscoito de um outro fabricante, considerado mais ético”, afirma Jorge Luiz Vailati Silva, gerente de qualidade do Instituto Biodinâmico (IBD), certificador de produtos agrícolas.

A proteção ao meio ambiente, a redução de gastos, alimentos mais saudáveis, uma melhor qualidade de trabalho e de saúde são outras das causas apontadas pelo crescimento do consumo de produtos orgânicos. Conceitos de mercado justo e justiça social também estão relacionados à produção de alimentos orgânicos. “Não pode existir agricultura orgânica desvinculada de justiça social”, garante Roberto Guimarães Habib Mattar, membro da coordenação de agroecologia do Ministério da Agricultura.

Afinado com o mundo

Com o objetivo de ampliar a área de produção, a produtividade e a comercialização dos sistemas de base ecológica, o Ministério do Desenvolvimento Agrário lançou na semana passada o Programa Nacional de Agroecologia. Disciplina científica que estuda relações entre ecologia e produção agrícola, a agroecologia envolve sistemas de produção como a permacultura, agricultura natural, regenerativa, biológica, biodinâmica e ecológica, entre outras.

De acordo com o assessor técnico da Secretaria de Agricultura Familiar, Jean Pierre Medaets, 40 milhões de reais serão investidos em ações de capacitação, linhas de crédito, apoio à comercialização, assistência técnica e pesquisa com o objetivo de fortalecer esses sistemas produtivos. Segundo uma avaliação de Valter Bianchini, secretário nacional de Agricultura Familiar, expressa na página do ministério na internet, a agricultura de base ecológica tem demonstrado que é possível produzir alimentos mais saudáveis, sem uso de agrotóxicos, propiciando renovação natural do solo e garantindo a segurança alimentar e nutricional da população. “É um modelo que além de preservar o meio ambiente, dá mais qualidade de trabalho aos agricultores e também é mais rentável”, afirma Bianchini.

O programa beneficiará agricultores familiares, jovens e adultos, assentados pela reforma agrária, pescadores, apicultores, extrativistas, indígenas, ribeirinhos e membros de comunidades de quilombos enquadrados atualmente no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

O outro lado da moeda

Se por um lado o interesse e o investimento governamental no setor agrícola orgânico são claramente justificáveis pelos índices de crescimento do mercado mundial, pelo potencial de expansão do país e por suas qualidades socioambientais, ele coloca o governo em uma sinuca em relação à liberação dos transgênicos, autorizada pelo presidente Lula, devido à possibilidade de contaminação das lavouras.

Na avaliação de Medaets, a agricultura orgânica é incompatível com a produção de alimentos transgênicos. “É como água e vinho”, compara. No entanto, ele acredita que a produção de transgênicos não aumentará suficientemente a ponto de inviabilizar a agricultura orgânica. “O processo de produção orgânica torna-se mais complexo e mais caro porque exige um rigor tecnológico maior e mais eficiente, em todas as etapas de manejo de produção, transporte, etc. para evitar qualquer contaminação. E exige que toda uma assessoria técnica tem que estar disponível para os pequenos agricultores”, afirma Medaets. Ele ressalta ainda que a produção de transgênicos é um terceiro modo diferenciado de agricultura em um sistema que já apresenta segregações entre as agriculturas convencional e orgânica.

Segundo Vailati, a possibilidade de contaminação é dos maiores problemas já detectados em relação aos transgênicos. Ele disse que foi aprovada, recentemente na Alemanha, uma lei que responsabiliza o agricultor de produtos geneticamente modificados no caso de alguma contaminação de outras lavouras. “Os produtores vizinhos têm o direito de acionar a justiça para que ele pague pelos prejuízos acarretados. No Brasil, no entanto, o laudo da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) afirma que os transgênicos não causam impactos

ambientais nem qualquer problema à saúde de quem os consome. Não é possível saber como foi feita essa avaliação, já que não temos referência histórica suficiente para fazer tal afirmação. Se o governo brasileiro não imputa a culpa, baseado em deficiência técnica, essa situação vai prejudicar os agricultores orgânicos porque se houver um grão transgênico entre 1.200, o agricultor será punido. Perde-se a possibilidade dessa fatia de mercado de produção orgânica”, afirma Jorge Luiz Vailati Silva.